

Façanhas de uma jovem leitora

Lais Helena Teles¹

"Je voudrais que tu sois ma soeur, pour t'aimer incestueusement. Je voudrais que tu eusses été ma cousine, pour qu'on se soit aimés très jeunes"

"Gostaria que fosses minha irmã, para amar-te incestuosamente. Gostaria que fosses minha prima, para que nos tivéssemos amado muito jovens."

G. A.

Como introduzir Wilhelm Apollinaris de Kostrowitzki (1880-1918)? Ou Guillaume Apollinaire, como se auto-intitulou? Como torná-lo suficientemente interessante...?

Venho novamente ocupar este espaço na condição de porta voz de um autor francês pouco conhecido. Ou melhor, um filho de mãe polonesa nascido em Roma e educado na França.

Desta vez não falo de um escritor romântico, mas de um escritor modernista inicialmente inspirado, em sua poesia, pelo romantismo. Um *vanguardista* que, ao longo de sua curta vida, animou diversas facções da extremamente inquieta intelectualidade européia. Refiro-me principalmente a seu envolvimento com os cubistas (título que ele mesmo teria criado, em texto de 1911, para designar o grupo de Braque e Picasso), com os dadaístas e os futuristas italianos.

Muito bem. Está feita a boa e velha, pequena e concisa, biografia do autor; parte essencial do modelo clássico da resenha. Porém – e este é um *porém enfático* – nesta impressão de leitura o parágrafo anterior só serve, aparentemente, para confundir. Nada, mas nada mesmo do que está escrito ali, remete diretamente ao texto que venho comentar. O Apollinaire sofisticado e inovador, o teórico da arte, não parece o mesmo da narrativa pobre em recursos estilísticos que é o “jovem Don Juan”. Nesse sentido, o que este livro de pornografia, extremamente convencional quanto à forma, teria a ver com tudo mais que aquele autor produziu? Um olhar bastante perspicaz sobre tal questão me foi fornecido por um amigo. Enquanto eu proclamava a fatal impossibilidade de realizar minha futura tarefa, ele me disse algo assim: “mas essas coisas não estão separadas!!!” Traduzindo: estariam a sensibilidade erótica e a sensibilidade intelectual separadas uma da outra, em um mesmo indivíduo? É óbvio que não! Não somos compartmentados, somos?

Li uma vez que nosso autor gostava de Sade. Aaahhh...Então é isso! É por isso que resolveu escrever romances pornográficos! Não nos

¹ Graduação – História/UFPR.

exalteiros tão cedo, pois em outro lugar estava escrito que a literatura erótica lhe parecia a melhor forma de ganhar dinheiro em Paris; dinheiro que, certamente, seus textos iconoclastas não angariavam. Tiremos disso uma lição: jamais nos perguntemos a respeito do que impele um autor a escrever o que escreve.

* * *

Confesso que recorri à saudosa *Encyclopédia Larousse Cultural* para saber a provável origem do *donjuanismo*. Ali consta que a primeira menção à figura de Don Juan é feita na *Crônica de Sevilha* (datada aproximadamente do fim do século XVI). O protagonista, Don Juan Tenorio, após assassinar um tal comandante Ulloa, rapta sua filha. Seu crime não fica impune: ele sofre uma emboscada num convento franciscano, onde morre. Os monges teriam então difundido uma versão da história, segundo a qual o falecido Ulloa teria arrastado Don Juan para o inferno. A partir daí, uma série de autores – entre eles Tirso de Molina, Corneille, Molière e Lord Byron – inspirar-se-iam em Don Juan Tenorio para produzir comédias, tragédias e romances. Ao longo desse tempo, Don Juan passa de embusteiro a sedutor implacável; aquele que rompe o ciclo de troca e circulação das mulheres – deseja-as todas, e as consegue.

O jovem Don Juan de Apollinaire é este último. Chama-se Roger, e é filho de burgueses. Aos treze anos, vai passar o verão na casa de campo da família, ambiente de extrema descontração no qual o pai – único homem na casa além dele – nunca está presente. Além disso, a presença religiosa na propriedade é rara: um capuchinho vem, de vez em quando, à capela. É nesse contexto que o protagonista começa a revelar suas inclinações à luxúria. Quanto mais lhe é negado ver o corpo nu da irmã – tomam banho juntos, porém de costas um para o outro – mais coisas ele enxerga no corpo da mãe e da tia, sempre presentes: “*Aquele olhar lançado às pernas de minha mãe tivera sobre minha virilidade o mesmo efeito que os toques de minha tia.*”

A partir daí, obcecado pela anatomia feminina, quando não estava ocupado em assediar a tia e a irmã – o que, aliás, lhe rendia boas aventuras – “*permanecia quase sempre na biblioteca, onde fora agradavelmente surpreendido pela descoberta de um atlas de anatomia*”. Entre a primeira ereção e a primeira relação sexual – com a mulher do administrador – passam-se poucas páginas. Aí começa o que se poderia chamar da “segunda metade” do livro, toda composta pela sucessão interminável, e admiravelmente detalhada, das aventuras sexuais de Roger.

A sorte do garoto é tanta, que ele consegue encontrar um buraco na parede da capela, por onde escuta as confissões de todas as mulheres da

casa. A mãe, a irmã, a tia, as criadas. Através de seus relatos, apresenta-se ao leitor um quadro surpreendente de hábitos sexuais veementemente proibidos pela Igreja. Um mundo em que a descoberta feminina do sexo acontece entre mulheres.

A esta altura, o protagonista já aprendeu o bastante para declarar que “*as mulheres sabem variar melhor seus prazeres*”. O homem estaria, assim, fadado à quantidade. Porém, o Don Juan de Apollinaire encontra, sim, variedade: garotas, senhoras casadas, mulheres gordas ou magras, camponesas mal cheirosas ou ricas burguesas; pouco importa. Toda e qualquer mulher lhe parece bela, porque nenhuma jamais será igual à outra. Mas não em relação a seu caráter, ou seu temperamento. Seu cheiro, e principalmente sua anatomia: eis aí tudo aquilo que nelas vale a pena conhecer e estudar. E, tal como o mestre que em tudo e todos vê a oportunidade de adquirir conhecimento, Roger as ama, a todas, com a mesma intensidade. Não é, e nunca será capaz, de se decidir por uma delas.

Era inevitável que o resultado das inúmeras orgias de Don Juan logo aparecesse: ele engravidou a irmã mais nova, a tia e uma das criadas. Resolve logo o assunto, arranjando um marido para cada uma delas: “*Tudo terminou amorosamente, e eu dormia alternadamente com as mulheres do meu harém. Cada uma sabia o que eu fazia com as outras, e elas se davam bem.*”

Eu disse antes que o livro era, formalmente, convencional. Entretanto, como eu também afirmava anteriormente, Apollinaire é só um; e está tão presente em *O espírito novo e os poetas*, como nas *Façanhas de um jovem Don Juan*. Assim, neste último é o conteúdo que se mostra anti-conformista, profundamente amoral, apollinairiano. O que é evidenciado na última frase do romance, deliciosamente irônica: “*Espero ter muitos outros (filhos) e, assim sendo, cumpro um dever patriótico, o de aumentar a população do meu país*”.

APOLLINAIRE, Guillaume. *Façanhas de um jovem Don Juan*. São Paulo: Editora Imaginário, 1997.